

## Será que a grama do vizinho é realmente mais verde? as representações de família no reality show Troca de família<sup>1</sup>

Fabíola Carolina de SOUZA<sup>2</sup>  
Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, MG

### RESUMO

Ao analisar os produtos midiáticos, é possível encontrar inúmeras representações vigentes na sociedade, já que a mídia se configura dentro deste espaço social. No entanto, nem todas as representações sociais ganham espaço nos meios de comunicação, já que estes são permeados por lutas de grupos sociais pela visibilidade. O objetivo deste trabalho é analisar as representações de família vigentes no reality show *Troca de família*. Para isso faremos um estudo de caso de um episódio da quarta temporada do programa, que reuniu duas famílias bem distintas: de um lado uma família cigana, alegre e festiva e do outro uma família vegana<sup>3</sup>, marcada por regras e conflitos familiares.

**PALAVRAS-CHAVE:** família; reality show; representação; televisão

### 1. Introdução

A televisão é um dos veículos de comunicação de maior abrangência no Brasil. Dados da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios indicam que em 2009, a televisão estava presente em 95,7% dos lares brasileiros pesquisados.<sup>4</sup> No entanto, mais do que um objeto de consumo, a televisão tem tentado cada vez mais aproximar-se de seu público, fazendo com que a audiência se sinta reconhecida dentro da programação que ela oferece. Mais do que espelhar o cotidiano, ela tem buscado trazê-lo para o interior de sua programação, sendo os reality shows um dos principais espaços para isso.

Buscando uma melhor relação com seu público e também alavancar os índices da audiência, as televisões abertas ou por assinatura têm investido cada vez mais no formato. E não faltam interessados, na maioria dos casos anônimos, dispostos a expor sua intimidade às câmeras e a milhares de telespectadores em troca de um prêmio em dinheiro, ou mesmo

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado no GP Televisão e Vídeo do XII Encontro dos Grupos de Pesquisa em Comunicação, evento componente do XXXV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

<sup>2</sup> Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Comunicação Social da UFMG; integrante do Grupo de Pesquisa em Imagem e Sociabilidade – GRIS UFMG; email: [fabiolasouzajor@gmail.com](mailto:fabiolasouzajor@gmail.com)

<sup>3</sup> Veganos são pessoas que não consomem nada de origem animal.

<sup>4</sup> A Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios – PNAD 2009 investigou 399.387 pessoas em 153.837 domicílios por todo o país a respeito de temas como população, migração, educação, trabalho, família, domicílios e rendimento, tendo setembro como mês de referência.

em busca da fama, do sucesso profissional, ascensão social ou de um relacionamento amoroso.

## 2. Reflexões sobre o reality show

O avanço tecnológico, a concorrência entre a televisão aberta e fechada e o crescimento de novas mídias como a internet têm contribuído para uma reconfiguração nos modos de se fazer televisão. As emissoras buscam cada vez mais se aproximar do público, sendo um de seus artifícios a produção ligada à realidade.

Nesse contexto, são inúmeras as estratégias de aproximação criadas pela televisão. Se, em certa etapa de seu desenvolvimento, ela procurou espelhar o cotidiano vivenciado pelo público, agora vai além, quer trazê-lo para dentro da máquina, para o interior da programação como marca de veracidade. Trata-se de uma estratégia na qual o referente, o mundo sensível e real, o mundo do vivido se torna o grande protagonista da TV, ele é o personagem principal e estrutura essa forma de televisão que tem sido denominada como reality TV, a TV realidade. (ROCHA, 2009, p. 2)

Caracterizada por sua programação factual e popular, a *reality TV* busca um efeito de máxima realidade no que é veiculado, tentando eliminar em seu modo de fazer TV, os limites entre o mundo vivido e o mundo midiático. Para Rocha, os reality shows seriam um exemplo de reality TV na televisão brasileira, podendo ser caracterizados pelo uso de elementos de linguagem que enfatizam o referente e geram representações que aproximam a ficção e a realidade, criando textos cada vez mais reais.

Para a autora, mais do que emissora de programas, a Tv realidade assumiria o papel de receptora, “pois capta a vida diária do público enquanto texto vivido e devolve-lhe o que encontrou como texto midiático.” (ROCHA, 2009, p. 4). O que interessa a este tipo de TV é transformar o cotidiano em espetáculo, é capturar a vida de atores reais, revelando sua privacidade.

Como mídia doméstica, a TV deve se voltar para o espaço da vida privada do telespectador e esse espaço, comumente preservado do olhar de estranhos, é fundido ao espaço da vida pública para se tornar a vedete da televisão. Surge o espaço privado-público, o carro-chefe da programação. (ROCHA, 2009, p. 4).

Outra autora que aborda a relação entre televisão e realidade é Elizabeth Bastos Duarte (2003). No entanto, a autora propõe uma perspectiva diferente da apresentada por Rocha. Segundo Duarte,

Existe uma realidade para aquém e para além, apesar das linguagens e ... das mídias. Mas o fato de o pensamento humano recorrer ao simbólico de a cultura

constituir-se em um emaranhado de sistemas simbólicos e das linguagens serem elementos de mediação e expressão dessas representações desde sempre decretou a impossibilidade de acesso direto à realidade. As mídias apenas acrescentam novos e diferentes empecilhos a esse “acesso”, recursos mais sofisticados que são na construção/representação dessa realidade. (DUARTE, 2003, p.2-3)

Duarte questiona assim a possibilidade de acesso direto à realidade, já que para ela as mídias apenas forneceriam representações dessa realidade. Pensando em recursos televisivos como o processo de edição, concordamos com a autora no fato de que, por mais que a televisão capture o cotidiano das pessoas, cenários e dramas reais, a seleção de imagens e de falas não dá a ver a realidade em sua totalidade, mas fragmentos desta realidade, recortes do real. A televisão não simula a realidade, mas a apresenta a partir de fragmentos e costuras próprias.

Para analisar a apresentação do real dentro da produção televisiva, Duarte centra seu estudo na análise da televisão factual ou da tele-verdade. Segundo a autora, neste tipo de televisão, a comunicação televisiva apresentaria determinadas estratégias e configurações com vista à restituição e oferta da realidade ao espectador. No entanto, apesar desta busca pelo retrato da realidade, o foco da televisão estaria primeiro no entretenimento e só depois na informação. Devido a isso, noticiários, entrevistas, reportagens, documentários funcionariam também por essa lógica, sendo espetacularizados.

Entre os programas informativos destacados pela autora, como vertentes do factual na programação televisiva, inserem-se os telejornais, *talk shows*, magazines, programas de auditório e os reality shows. No entanto, apesar de denominar o reality show como um programa informativo, Duarte questiona o tipo de real apresentado por ele.

Programas como os reality-shows não operam com o real - o mundo natural ou factual, mas, sim, com o que aqui se opta por denominar de diferentes planos de realidade que tem como referência respectivamente o mundo exterior ao programa, o mundo interior ao próprio meio e programa e apenas mundo interior ao discurso, isto é à interioridade do programa. (DUARTE, 2003, p.8)

Para a autora, os reality shows oscilariam entre dois planos de realidade: os autenticadores e os fictivos. O primeiro referente aos programas que pretendem informar sobre o mundo, que têm o mundo exterior como referência e o segundo, aos programas que não têm o mundo externo como referência, nem atores sociais com existência real.

E o que acontece com os reality shows? Eles oscilam entre esses dois planos de realidade, diz Jost: têm referências no mundo exterior, mas são também ficção. Acredita-se que a questão não é bem essa ou apenas essa. Os reality-shows se constroem em um espaço que é uma espécie de realidade paralela, constituída no interior do próprio meio, num processo de autoreferenciação que fomenta os

acontecimentos e os transmuta em notícia. A realidade em que vivem os participantes é cuidadosamente construída - trata-se antes de tudo de um jogo, cujas regras são arbitrárias. Ocorre que, embora sendo jogadores e atores discursivos, os participantes pagam preços pela participação, enquanto atores sociais: as consequências são reais, quer sejam positivas ou negativas, quer se ganhe ou se perca. (DUARTE, 2003, p.8)

Esta relação entre o real e a ficcional presente em grande parte dos reality shows, faz com que Fernando Andacht (2003), em seu estudo sobre o *Big Brother*, denomine este tipo de programa como uma melacrônica da interação. Segundo o autor, no *Big Brother*, que pode ser considerado um dos principais reality shows da televisão brasileira, devido a sua audiência e também pelo tempo de duração na programação televisiva, coexistem as dimensões da crônica ou documentário com as do melodrama.

A crônica consiste em “um resíduo insistente do real, o qual se define como algo que é como é, além de toda opinião que alguém possa ter a respeito. O dito resíduo é produzido na interação face a face na casa observada pelo público” (Andacht 2004: 50). O aspecto melodramático origina-se no processo de ficcionalização que acontece por meio das duas interpretações geradas pelo reality show: 1) a compreensão da audiência do programa; 2) a auto-encenação dos protagonistas durante sua permanência na casa. Assim, BB compartilha um elemento chave com a crônica diária do telejornal, a representação do real, mas afasta-se dela porque, em vez de apresentar acontecimentos violentos ou inusitados, limita-se a exibir os choques interativos e banais, sem derramamento de sangue, mas com muitas lágrimas, gritos e sussurros, enquadrados num melodrama de sobrevivência urbana. (ANDACHT, 2003, p.4-5)

O formato reality show também é discutido por outros autores. Rocha cita Hill (2007), que trata o reality show como infoentretenimento.<sup>5</sup> Segundo a autora, mesmo que alguns reality shows privilegiem mais a informação e outros mais o entretenimento, o formato sempre exhibe uma mistura destas duas vertentes, informando e entretendo o público ao mesmo tempo. Já Duarte ressalta que os reality shows têm caráter de produto global, sendo indicadores não só de tensões entre o global e o local como também da diluição de fronteiras entre gêneros, ficção e documentário.

Eles atualizam diferentes questões relativas às práticas sociais e discursivas: funcionam como agentes sobre as noções de público e privado, cidadão e indivíduo; colocam em cheque princípios morais e éticos em detrimento da amoralidade do lucro; respondem ao difuso desejo da audiência de ver pessoas comuns e anônimas ganharem existência e identidade midiática. Enfim, seduzem pela transformação, mágica, do anonimato em celebridade pela mera exposição às câmeras. Mas, antes de tudo - e é isso que aqui interessa -, eles operam uma reconfiguração das relações do homem comum com as mídias, ao estabelecerem

---

<sup>5</sup> No Brasil, Itania Gomes trabalha com o termo *infotainment*, que é tratado pela autora como um neologismo. Segundo Gomes (2009), o termo se constrói sobre a junção de duas expressões que caracterizam duas áreas (até então distintas) da produção cultural, a informação e o entretenimento.

vínculos entre participantes do programa e telespectadores atuantes. (DUARTE, 2003, p.4)

Ou seja, ao inserir pessoas comuns em sua programação e criar novas formas de interatividade nestes programas (votação para eliminação de participantes, manutenção de blogs pelos participantes, etc), a televisão estabelece novas formas de interação com os telespectadores. Estes passam a se reconhecer na programação, ao se sentirem representados por estes participantes que assim como eles eram anônimos. Ao expor a privacidade de pessoas comuns, os telespectadores se identificam com os dramas apresentados e estabelecem assim novos vínculos com estes participantes.

### **3. Troca de Família: dinâmica do programa**

Lançado em 2006, pela rede Record, o *Troca de família* é a versão brasileira do reality norte americano *Trading Spouses* <sup>6</sup> do canal FOX. O programa manteve os mesmos moldes da versão americana: duas famílias completamente diferentes a conviver, na maioria dos casos, com uma mãe substituta por uma semana. Durante este tempo as novas mães têm que se inserir no cotidiano uma da outra e decidir como a nova família vai gastar o prêmio de vinte cinco mil reais.

As primeiras temporadas do *Troca de família* foram exibidas às terças, às 23 horas. A cada semana era exibida uma troca, sendo que o episódio durava cerca de uma hora. A partir da quarta temporada, em 2010, o programa passou por mudanças. O *Troca de família* se transformou em um quadro do programa dominical *Tudo é possível*, da apresentadora Ana Hickmann. Isso mudou a dinâmica dos episódios, que foram estendidos para duas horas e exibidos durante dois domingos. Em 2011, o programa volta a ser exibido à noite. Ainda considerada como quarta temporada pelo site da Record, a versão de 2011 traz reprises de quatro programas exibidos no *Tudo é possível* e quatro episódios inéditos. Cada troca manteve a duração de duas horas, sendo exibida na terça-feira e quinta-feira, às 23 horas.

Independente das mudanças de horário e de duração, o programa manteve a mesma dinâmica. O *Troca de família* conta com uma apresentadora <sup>7</sup> que é responsável por abrir os blocos, sem porém, manter qualquer tipo de contato com os participantes do reality.

---

<sup>6</sup> O reality estreou em 2004 e teve três temporadas. As famílias participantes recebiam o prêmio de 50 mil dólares.

<sup>7</sup> Na temporada analisada a apresentadora foi Amanda Françaço.

A construção narrativa do programa é marcada pelos dias. O primeiro dia de gravações acontece na casa das famílias e mostra a rotina dos participantes. No segundo dia, as mães saem de suas casas e vão ao encontro das novas famílias.

Durante cinco dias, as mães se inserem na rotina da nova família, desempenhando as tarefas da outra, como os afazeres domésticos e o cuidado com os filhos. Há um esforço por parte das famílias para que as mães conheçam a nova rotina e experimentem o novo modo de vida.

No decorrer dos dias, o programa impõe aos participantes algumas tarefas. No quinto dia, as mães têm que organizar uma festa, na qual serão apresentadas aos familiares e amigos da nova família e na noite do sexto dia, elas escrevem uma carta na qual decidem como a nova família deverá gastar o prêmio de vinte e cinco mil reais. No sétimo dia, as mães voltam para casa. Mas antes disso, o programa promove um encontro entre elas, no qual as participantes revelam um pouco de sua experiência e trocam as cartas. Já em casa, as participantes reúnem a família para a leitura da carta escrita pela outra mãe e ao final, falam sobre o significado de ter participado do programa, se aconteceram mudanças, etc.

Além de exibir o cotidiano das famílias, o programa é permeado por depoimentos das mães, falando das principais dificuldades de viver na nova casa e dos conflitos e também dos depoimentos dos familiares e amigos que falam de suas impressões em relação às mães substitutas.

Embora existam inúmeros reality shows, a estrutura das versões de maior sucesso é relativamente simples, mantendo uma fórmula até mesmo repetitiva. A maioria deles funciona como um concurso ou gincana, no qual os participantes competem entre si e são eliminados no decorrer do programa. Ao final, resta apenas um, o grande vencedor.

Mesmo sendo considerado um reality show, o *Troca de família* foge a algumas características apontadas, a começar pela própria dinâmica do programa, que não se assemelha nem a uma gincana nem a um concurso, onde os participantes são eliminados. No *Troca de família* o maior desafio não é vencer os outros competidores, mas conseguir conviver com as diferenças impostas pelo novo lar. Não há, assim, vencedores ou perdedores, mas um jogo de interações onde as mães substitutas têm que aprender a lidar com a nova rotina e adentrar o espaço da vida privada de uma família totalmente diferente da sua. Ao mesmo tempo, os outros membros da família também são convocados a lidar com as diferenças e receber a mãe substituta nesse espaço tão pessoal que é o lar. O prêmio também aparece como diferencial, já que a participação no programa, desde que sejam

cumpridas as regras do jogo e a participante não desista do desafio, já garante seu recebimento, com valor igual para as duas famílias.

Duarte (2003) aponta alguns elementos do reality show, que segundo ela, permitem identificá-lo. Dentre estes elegemos quatro para uma breve caracterização e distinção do *Troca de família*. O primeiro é o cenário do jogo que, de acordo com a autora, nos reality shows, isola os participantes do mundo exterior. Neste item, o *Troca de família* inova, já que ao invés de um cenário montado pela produção e isolado do mundo externo, propõe que as famílias abram as portas dos próprios lares, que se constituem como o palco por excelência da convivência. Essa abertura é a prova maior do alto grau de exposição a que estas famílias se sujeitam - afinal o lar é uma das maiores expressões de nossa intimidade. Diferentemente de muitos reality shows, os participantes não são confinados, tendo a liberdade de sair, de conhecer a cidade, de estar em contato com outras pessoas. O único isolamento imposto pelo programa é o das mães em relação a suas famílias e vice-versa.

Outra característica apontada por Duarte se refere às regras do jogo, que vão reger a convivência dos participantes, as disputas e as atividades que eles têm de desempenhar. Assim como outros reality shows, o *Troca de família* tem regras claras que conduzem a dinâmica da troca. Porém, mais do que as regras do jogo, consideramos que as regras sociais serão as principais configuradoras das relações estabelecidas entre os participantes, uma vez que o desempenho da mãe, dos filhos e do marido reflete valores, interesses e comportamentos sociais dos sujeitos que se configuram nas relações cotidianas. O desafio ali é ser mãe e esposa numa outra família; portanto, os papéis de mãe, mulher, família se tornam centrais.

Duarte também destaca o papel do apresentador dentro do programa. Estes atuam no jogo como atores sociais e discursivos, já que desempenham diferentes funções na condução da trama, instituindo um outro nível de manipulação dentro do jogo. Porém, diferentemente do que acontece em outros programas<sup>8</sup>, a apresentadora do *Troca de família* não interfere diretamente no jogo, já que não estabelece nenhum contato com os participantes. Arriscaríamos a dizer que, se há outros atores sociais interferindo durante a troca, são os cinegrafistas ou os produtores que estão em contato direto com os participantes na casa (percebemos que muitos dos depoimentos dados durante a semana partem de

---

<sup>8</sup> No *Big Brother Brasil*, o apresentador Pedro Bial dialoga com os participantes, provoca-os e instiga-os constantemente; o mesmo acontece com tantos outros apresentadores de reality shows como o *Esquadrão da Moda*, *Hipertensão* etc.

perguntas feitas pela produção ou de pedidos por parte dela para que os participantes se manifestem sobre determinado fato).

Por fim, Duarte destaca o papel do telespectador como agente da trama. Segundo a autora, em muitos reality shows, o público “intervém verdadeiramente na trama: disso decorre que, de atores sociais e receptores, eles passam a atores discursivos que, embora anônimos, contribuem nesse tipo de construção discursiva, tanto como enunciadores como atores.” (DUARTE, 2003. p. 6). Vários reality shows se destacam por este aspecto: *Ídolos*, *A fazenda* e *Big Brother Brasil* são alguns deles. No entanto, tal elemento não é encontrado no *Troca de família*, já que o telespectador não pode interferir diretamente no programa. O reality tem um índice de interatividade baixo, restrito a seu blog. No entanto, não podemos desconsiderar o público como um fator importante, na medida em que os participantes, mesmo não dependendo do voto para receber o prêmio, levam em consideração, durante sua performance, a opinião dos telespectadores que os assistem, já que eles têm em mente a ideia de um público ideal, que está assistindo o programa e que tem certas expectativas em relação a seu desempenho.

#### **4. A vegana e a cigana**

Para fins desse trabalho, escolhemos um episódio da quarta temporada do programa – uma troca efetuada em fevereiro de 2011<sup>9</sup>, que ocorreu entre a família Marques e a família Laurino. As perguntas que compõe nossa grade analítica têm como foco central identificar qual representação ou quais representações de família estão presentes no programa. A partir das próprias falas dos participantes, de suas relações com sua família e com a nova família e também a partir das falas do próprio programa buscamos responder as seguintes perguntas: Como a família se apresenta? O que os participantes falam sobre sua família? Que funções, papéis e valores atribuem a ela? Como as participantes se relacionam com a nova família? Como o programa apresenta as famílias (observação das falas do locutor, da apresentadora e da reprodução do cotidiano)?

Para responder a tais indagações, é necessário apresentar inicialmente o perfil das mães, as características das respectivas famílias e a sequência de situações vividas por elas durante o programa.

---

<sup>9</sup> Essa troca, que compôs a quarta temporada do programa, foi ao ar nos dias 23 e 25 de fevereiro de 2011.



Na cidade de Santo André, São Paulo, vive a família Marques. O pai, Ricardo Marques de 33 anos é de origem cigana e vive da cartomancia. Ele é casado com Maria Cristina Brejeiro, de 41 anos, que adotou os costumes ciganos e também é cartomante. Eles estão juntos há 10 anos e têm uma filha: Sarah Brejeiro Marques, de 8 anos. A filha do primeiro casamento de Cristina também mora com eles, Yohanna Brejeiro Ohata de 16 anos. O casal de classe média trabalha em casa, vivendo da cartomancia e do artesanato de Cristina. Apesar de não ser cigana, Cristina aderiu a todos os costumes. Alegre e descontraída, a cigana segue as tradições, nas quais as mulheres servem os maridos e vivem para agradá-los.

Na região sul do Brasil, na cidade paranaense de São José dos Pinhais vive a família Laurino. O pai, Ricardo Parisi de Laurino, 36 anos, é um bem sucedido gerente comercial e a mãe, Gisely Fragoso de Laurino, 36 anos é supervisora administrativa da escola de idiomas da família do marido. O casal tem dois filhos: Josiane Fragoso de Laurino, de 11 anos que é adotiva e Vinícius Fragoso de Laurino, 4 anos, filho biológico do casal. A família de classe média alta vive em uma confortável casa e é vegana. Diferentemente de Cristina, Gisely é metódica e se considera extremamente geniosa. O principal problema que enfrenta é o relacionamento com Josiane. Segundo o casal, a menina que desde os sete anos vive com eles, estaria ainda em processo de adaptação.

A troca de modo geral foi bem sucedida. Cristina e Gisely conseguiram se adaptar as novas famílias e tiveram uma convivência sem grandes conflitos. É interessante destacar que a família cigana foi mais receptiva a Gisely do que a família vegana a Cristina. Gisely se inseriu bem dentro do cotidiano dos Marques e apesar da família cigana gostar muito de carne e fazer festas com bastante churrasco, eles respeitaram a opção de Gisely em não comer nada de origem animal.

A supervisora administrativa participou das festas ciganas, dançou e mostrou-se surpresa com a cultura cigana, por ser bem diferente daquilo que ela imaginava. No programa, ela conta que assim que avistou Ricardo, logo imaginou que ele era cigano, pensando que, por isso, iria morar em uma tenda, ficando aliviada quando ele disse que morava em uma casa. As filhas de Cristina tiveram um bom relacionamento com a nova mãe, sem nenhum conflito. Yohanna substituiu a mãe, servindo Ricardo na hora das refeições. Já no final do programa, Gisely também serviu Ricardo, assim como Cristina o faria. No decorrer do programa houve uma preocupação por parte da família cigana de mostrar sua cultura e quebrar os preconceitos a cerca do seu modo de vida.

Enquanto na casa dos Marques tudo era festa, na casa dos Laurino vários conflitos marcaram os cinco dias. De modo geral, Cristina se deu bem com a família, apesar de Vinícius de quatro anos ter sido um pouco hostil com a nova mãe. Mimado, o garoto ficou mais com o pai, enquanto Josiane encontrou na nova mãe uma confidente. Segundo a garota, os pais não dariam a ela a mesma atenção que a Vinícius e durante o programa ficou evidente a relação conflituosa entre a menina e o pai.

Assim como a família cigana, Ricardo Laurino esforçou-se para mostrar a Cristina seu modo de vida vegano, levando-a sempre a restaurantes e lugares especializados. Cristina também quis mostrar seu modo de vida à família, e até levou para sua festa uma família cigana que morava perto da casa. Tal visita foi o momento mais tenso do programa, já que Ricardo mostrou-se preocupado com os visitantes, que segundo ele, Cristina nem conhecia. O vegano também não ficou a vontade com o fato da festa ter churrasco, o que segundo Cristina não poderia faltar em uma festa cigana.

A cultura cigana ganhou grande destaque nos episódios, sendo que as duas festas tiveram esta temática. Ao final da troca, as mães trocaram as cartas e ficaram satisfeitas com a divisão do dinheiro. Segundo a apresentadora Amanda França, as famílias se encontraram após a troca.

## **5. Ser família**

Pensar a família, nos dias de hoje, nos traz muitos desafios, na medida em que sua estrutura tem passado por inúmeras transformações. Segundo Germano (2009), a modernidade oferece um novo espaço para a família. Ela passa a ser considerada uma instituição em crise, sujeita as múltiplas mudanças e adaptações dentro das transformações que estão ocorrendo na sociedade. “Pensar a família pela ótica da modernidade possibilita recriar novos valores e comportamentos, atingidos pelas transformações sociais e econômicas da família. [...]”. (GERMANO, 2009, p.52). Prova disso, é que a estrutura da família contemporânea, diferentemente das estruturas de séculos passados, está propensa a mudar mais rapidamente, acompanhando a complexidade das relações que permeiam a sociedade.

Neste sentido, Corrêa (2011) aponta para importância de olhar para os diversos fatores que constituem as relações familiares contemporâneas.

Na sociedade brasileira contemporânea, assim como no passado, as composições familiares continuam sendo diversas. Fatores como a relativa emancipação financeira das mulheres, assim como o afrouxamento da influência da Igreja nas relações familiares, contribuíram para mais diversidade no que se refere às relações familiares. Menos desviantes ou marginais, as uniões livres têm sido mais aceitas socialmente, além de legalmente amparadas se consideradas estáveis. As separações e recasamentos são vistos com mais naturalidade, assim como as reconfigurações conjugais advindas daí: famílias com padrastos, madrastas, meio-irmãos. As uniões tendem a ser mais curtas e efêmeras, baseadas mais na ligação afetiva e sexual do que na obrigação legal ou religiosa de manter um casamento "até que a morte os separe"<sup>10</sup>. (CORRÊA, 2011. P. 64-65.)

Ao analisarmos as representações de família dentro do *Troca de família*, percebemos que por mais que o programa apresente reflexos das novas configurações familiares, o reality show torna alguns papéis indispensáveis. Não só o programa analisado, como também todos os programas das quatro temporadas apresentam sempre a figura do pai, da mãe e de pelo menos um filho ou filha, o que exclui de suas representações de família uniões de casais sem filhos, uniões homoafetivas<sup>10</sup>, com ou sem filhos e também famílias monoparentais, que apresentam apenas o papel da mãe ou do pai. Tal representação fica clara já na abertura do programa, que apresenta duas famílias com pai, mãe e filhos, reforçando assim, o estereótipo da família nuclear burguesa.

Um aspecto interessante do programa, também relacionado a uma visão mais conservadora de família, é que todas são identificadas pelo sobrenome do pai e, quando o da mãe aparece, ele é sucedido pelo sobrenome do marido. A princípio, levantamos a hipótese de que o sobrenome composto aconteceria quando a esposa não tivesse o sobrenome do marido, no entanto, Cristina não tem o sobrenome Marques e nem por isso a família foi identificada como Brejeiro Marques. Esta escolha, mesmo que feita pelos participantes, não deixa de fortalecer características patriarcais, nas quais a família é reconhecida pelo sobrenome de seu provedor, sendo o homem o responsável por difundir o sobrenome da família, já que a mulher, com o casamento, herdaria o nome do marido.

Apesar de todas as famílias analisadas apresentarem a figura do pai, da mãe e do filho ou filha, encontramos no programa reflexos das novas relações familiares presentes na sociedade. A família Marques, por exemplo, tem duas filhas, no entanto, Yohanna é filha de outro relacionamento de Cristina, o que configura os Marques como uma família

---

<sup>10</sup> A versão original do programa, o norte-americano *Trading Spouses*, contou com a participação de uma família homoafetiva, formada por lésbicas.

reconstituída. Já a família Laurino se caracteriza como uma família nuclear, tendo como única diferença o fato da filha Josiane ser adotiva.

Não acreditamos, porém, que o programa busque estas configurações ou queira fugir de famílias “padrão”, pois mais do que a relação matrimonial do casal ou a formação familiar em si, o que interessa ao programa são os aspectos culturais e sociais, que tornam as famílias diferentes. Como aponta o diretor do *reality*, Johnny Martins, em entrevista ao blog do programa, eles buscam participantes com perfis que ofereçam antagonismos.

A gente parte de um estudo que pode render uma situação boa. A maioria dos perfis interessantes nós acabamos explorando. Gordo e magro, fumante e sedentário, delegado com hippie, rodeio com ódio o rodeio, a gordinha e a bonitona. São esses perfis antagônicos que definem o que é o programa. Uma família sempre vai ser o convencional, o careta, e a outra o oposto. Gostamos de pegar famílias que tenham disfunções, com algum segredo escondido no armário.

Todas as famílias analisadas são caracterizadas e enquadradas para atender a estes antagonismos. Temos assim a família vegana, cheia de regras como representante do convencional e a família cigana, alegre e repleta de festas, como oposto disso.

Ao serem caracterizados como uma família cigana, os Marques assumem dentro do programa uma série de representações que nos ajudam a entender seu modo de conceber a família. A família é caracterizada pelo programa como detentora de tradições e costumes diferentes, nos quais mulheres e homens desempenham algumas funções específicas: o homem é sempre servido pela esposa, sendo papel dela cozinhar, cuidar dos filhos e agradar ao marido.

Outro traço muito característico da família cigana é sua alegria e festividade. Mais do que o núcleo familiar, os ciganos valorizam a proximidade com outros membros da família, tanto é que durante a troca promoveram inúmeras festas em casa. Para os ciganos, a família vai além daqueles com quem dividem o lar ou com quem tem laços de parentesco, ela se estende a todo o povo cigano.

Já a família vegana é caracterizada no programa pelo fato de não comer carne e nenhum alimento de origem animal, sendo assim uma família que preza pela alimentação saudável. No entanto, tal disciplina acaba ultrapassando a alimentação e torna-se uma forma de caracterizar toda a rotina da família. Os Laurino são, no programa, a família mais convencional, os “certinhos”. Vemos pais muito preocupados com a rotina, com as regras e com a sua execução por parte dos filhos. Mas eles também são retratados como uma família que enfrenta problemas de relacionamento. O programa enquadra os pais, como se a forma

de tratamento deles com os filhos fosse desigual, e podemos dizer até mesmo injusta. Assim, a família Laurino é vista como aquela que ainda precisa aprender a lidar com os filhos e principalmente com a questão da adoção.

Apesar de encontramos famílias tão diferentes entre si, no que se refere ao estilo de vida, a cultura e também em relação à sua configuração, o papel que os participantes atribuem a suas famílias são bem próximos. Mais do que indicar relações de parentesco ou um modo de vida, a família assume para todos os participantes o papel de porto seguro, de esteio. Ela é a principal fonte de amor e de afeto. É o espaço onde os participantes se sentem valorizados em seu papel social.

Como aponta Paulo (2006), a família tem antes de tudo uma função social.

Passa-se a falar da função social da família, que passa a ser vista não como um valor em si, mas como um instrumento através do qual deve-se buscar a dignidade da pessoa humana, assim como o desenvolvimento da personalidade de seus membros, tendo como pilares o afeto, a solidariedade e a comunhão de vida existente entre eles. (PAULO, 2006, p. 31)

Ou seja, é na família que os indivíduos investem em sua identidade, que compõem seus papéis sociais e os conformam primariamente. Por exemplo, a família cigana comunga de um modo de vida cigano, sendo a família a responsável pelo desenvolvimento deste papel social, na medida em que proporciona a seus membros o contato com os costumes, com a fala, com as ideias e comportamentos deste povo. A representação está diretamente ligada à cultura, sendo a família um dos principais lugares de contato e aprendizado dela.

Considerando em nossa análise que o principal papel assumido pela instituição familiar no *Troca de família* é o papel social, pudemos observar a partir da observação do cotidiano e dos diálogos dos participantes, que a família assume no programa algumas funções importantes. Paulo (2006) define oito funções<sup>11</sup>, dentre as quais destacaremos quatro.

A primeira é a função econômica. Todas as famílias analisadas trabalham para garantir a seus membros o sustento e uma vida digna. A segunda é a função educativa e socializadora da família ao prestar ensinamentos aos filhos, transmitindo hábitos, costumes e conhecimentos necessários para que vivam em sociedade. Esta função é muito forte, principalmente quando o programa retrata a relação da família Laurino, onde temos um pai

---

<sup>11</sup> Função procriativa, função econômica, função emocional ou psicológica, função de desenvolvimento de potencialidades humanas, função educativa e socializadora, função de continuidade da cultura, função de reprodução das relações sociais e função de fornecedora de cidadãos.

e uma mãe muito ligados a esta função educacional. Gisely em um de seus depoimentos diz que os educados educam.

A terceira é a função de continuidade da cultura, ou seja, a família é a responsável pela transmissão da cultura, de seus valores e normas aos filhos, para que eles se insiram na sociedade. Percebemos esta função tanto na família cigana quanto na vegana que se preocupam em transmitir para seus filhos seus costumes. O pai vegano, para que os filhos adotem a alimentação vegana e a família cigana transmitindo aos filhos as tradições e costumes ciganos.

Por fim, percebemos muito presente no programa a função emocional e psicológica, ou seja, a família fornecendo a seus membros um clima de amor, compreensão, segurança emocional, paz e carinho. Em todos os episódios, os participantes atribuem a suas famílias este lugar de aporte emocional, lugar do afeto. A separação da família acentua estes sentimentos tanto por parte das mães quanto da família, que passam a valorizar mais os laços familiares. Isto é percebido, por exemplo, nas falas dos participantes ao final da troca, na qual Ricardo Marques e Gisely disseram que aprenderam a valorizar a família.

### **Considerações finais**

As representações estão presentes em nosso dia a dia. Por estarmos inseridos dentro de uma sociedade, compartilhamos não só uma linguagem comum, como também representações sociais semelhantes. Por estarem inseridas dentro da cultura, nos deparamos com as representações na nossa casa, no trabalho, na escola e também na mídia. Mais do que uma inventora de representações, como muitos acreditam, a mídia propaga representações vigentes na sociedade. Por isso, ao olharmos para a mídia, olhamos também para as representações sociais.

Com a análise do *Troca de família* percebemos que por mais que o programa faça sua construção da realidade, ele parte do real, de falas, ações e comportamentos dos próprios participantes. Assim, quando olhamos para o papel da família como lugar do afeto, da segurança, do amor, percebemos que o programa não revela novas representações, mas reforça expectativas sociais vigentes. Expectativas estas que também os participantes do programa partilham e reforçam. Isso mostra que o programa apresenta as representações disponibilizadas pelos participantes e não cria representações completamente novas. Apesar de não podermos desconsiderar o fato de que o programa pode, sim, deixar de apresentar

aquelas representações que não lhe interessam, como o caso de configurações familiares onde não há a figura do pai ou da mãe, ou mesmo que apresentem dois pais ou duas mães.

### Referências:

ANDACHT, Fernando Torres. **Uma aproximação analítica do formato televisivo do reality show Big Brother**. Galáxia (PUC-SP), São Paulo, v. 6, 2003. Disponível em: <<http://bocc.ubi.pt/pag/andacht-fernando-reality-show.pdf>>. Acesso em: 16 de Nov. de 2011

CORRÊA, Laura Guimarães. **Mães cuidam, pais brincam: normas, valores e papéis na publicidade de homenagem**. 2011. Tese (Doutorado em Comunicação Social) – Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, UFMG, Belo Horizonte.

DUARTE, Elizabeth Bastos. **Reflexão sobre os reality shows**. In: XII Compós. Recife, 2003. Disponível em: <[http://www.compos.org.br/data/biblioteca\\_1037.pdf](http://www.compos.org.br/data/biblioteca_1037.pdf)>. Acesso em: 16 de nov. de 2011.

GERMANO, José Paulo. **Comunicação televisiva: ficção e cotidiano: a construção dos novos papéis da família - Bogotá e São Paulo**. São Paulo: Annablume, 2009. 208p.

GOFFMAN, Erving. **A representação do eu na vida cotidiana**. Petrópolis: Vozes, 1975. 233p.

GOMES, Itania Maria Mota. **O infotainment na televisão**. IN: XVIII Compós. Belo Horizonte, 2009. Disponível em: <[http://www.compos.org.br/data/biblioteca\\_1154.pdf](http://www.compos.org.br/data/biblioteca_1154.pdf)>. Acesso em 23 de nov. de 2011.

PAULO, Beatrice Marinho. **Novas configurações familiares e seus vínculos sócio-afetivos**. 2005. 171 f. Dissertação (Mestrado Departamento de Psicologia) - Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, PUC, Rio de Janeiro. Disponível em: <[http://www2.dbd.puc-rio.br/pergamum/tesesabertas/0410561\\_06\\_pretextual.pdf](http://www2.dbd.puc-rio.br/pergamum/tesesabertas/0410561_06_pretextual.pdf)>. Acesso em 16 de nov. de 2011

ROCHA, Cristine. **Reality TV e reality show: ficção e realidade na televisão**. In: Revista da Associação Nacional dos Programas de Pós-Graduação em Comunicação, E-compós, Brasília, v.12, n.3, set./dez. 2009. Disponível em: <<http://www.compos.org.br/seer/index.php/e-compos/article/viewFile/387/380>>. Acesso em 16 de nov. de 2011.

### Programas analisados:

MÃES se emocionam na volta para casa. Portal R7. 25 de fev. de 2011. Disponível em: <<http://entretenimento.r7.com/blogs/troca-de-familia/2011/02/25/maes-se-encontram-e-se-emocionam-na-volta-para-casa/>>. Acesso em: set. de 2011.

VEGANA troca de família com cigana. Portal R7, 23 de fev. 2011. Disponível em: <<http://entretenimento.r7.com/blogs/troca-de-familia/2011/02/23/vegana-troca-de-familia-com-cigana/>>. Acesso em: set. de 2011.